

REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM *POEMAS DA RECORDAÇÃO E OUTROS MOVIMENTOS*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Maria de Fátima de Sousa Solidade¹
Altamir Botoso²

46

RESUMO

A escritora Conceição Evaristo tem se destacado no cenário da literatura brasileira contemporânea pela qualidade de suas produções poéticas e ficcionais e também por ser uma das poucas mulheres negras a ter sua obra divulgada e valorizada pelos meios acadêmicos. Nesse sentido, neste artigo, nosso objetivo é estudar a representação da mulher negra em poemas selecionados do livro *Poemas da recordação e outros movimentos*. A análise proposta contempla a temática do feminino permeada pela memória e pela crítica ao racismo velado e explícito que muitas vezes se observa no convívio social. Como suporte teórico, pautamo-nos por textos críticos de Alós (2011), Butler (2015), Campos (2017), Hegel (1992), Sales (2009), Salih (2013), Sodré (2015), Souza (2014) e entrevistas de Carneiro (2018), Cazes (2016), Lima (2017), Vasques (2017). Em síntese, nos poemas analisados, constatamos a valorização da mulher e da comunidade negra, uma vez que o eu lírico problematiza as relações que se estabelecem entre dominadores e dominados, entre opressores e oprimidos, no intuito de resgatar a história da etnia negra e o seu direito de expressão na contemporaneidade.

Palavras-Chave: Conceição Evaristo; Mulher negra; Representação.

Revisto anonimamente no processo de pares cegos.

Recebido: 06/2020

Revisado: 07/2020

Aprovado: 08/2020

Reviewed anonymously in the process of blind peer.

Received: 06/2020

Reviewed: 07/2020

Approved: 08/2020

DOI: 10.46696/issn1983-2354.RAA.2020v13n35.44-61

¹ Graduada em Letras, Português/Espanhol, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, campus de Campo Grande-MS. E-mail: mfssolidade@gmail.com

² Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, campus de Assis-SP e docente do curso de Letras/Espanhol, do Mestrado em Letras e coordenador adjunto do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, campus de Campo Grande-MS. E-mail: abotoso@uol.com.br

Eu não nasci rodeada de livros e, sim, rodeada de palavras.

Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra.

O imaginário brasileiro, pelo racismo, não concebe reconhecer que as mulheres negras são intelectuais.

Conceição Evaristo

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Tudo que escrevo é profundamente marcado pela condição de ser mulher negra”, afirma Conceição Evaristo em conhecida entrevista a Lucas Vasques (2017). Por ser de origem de uma família de mulheres analfabetas e semianalfabetas, seu primeiro contato com a literatura ocorreu por meio da oralidade, pois suas mães e tias tinham o hábito de contar histórias dos seus ancestrais. A escritora usa o exemplo da mãe como contadora de causos para explicar o neologismo *escrevivência* e o define como um conceito histórico no qual a mulher negra exerce a função de contar histórias para adormecer os meninos brancos da casa grande.

Para que a autora exercer a *escrevivência*, foi tomado como norte as experiências do ponto de vista individual e coletivo da vivência dos afrodescendentes no Brasil, sendo a vivência afro-brasileira a principal temática de suas obras. O sistema escravocrata deixou várias sequelas sociais e culturais no Brasil. Após a abolição, o desamparo estatal e social dificultou a ascensão da comunidade negra, principalmente da mulher negra, que além de sofrer todas as injustiças sociais impostas pelo homem, também sofre outros agravantes, como as questões relacionadas ao gênero.

A mulher negra era propriedade particular e não tinha domínio sobre o próprio corpo. Nesse sentido, os textos ficcionais que são contemplados na prosa e poesia de Conceição Evaristo buscam resguardar uma posição de destaque para as mulheres negras, valorizando a sua importância como ser humano, mãe, escritora, dona de casa, enfim, em qualquer posição em que ela se encontre. A autora dá voz coletiva as mulheres negras de sua ancestralidade.

Sua escrita denuncia o descontentamento com a condição de subalternidade, a diáspora negra e as várias faces da mulher que se desenham desde os tempos de escravidão até a contemporaneidade. Em face da subjetividade da mulher negra na sociedade, a proposta deste artigo é analisar alguns poemas do livro *Poemas da recordação e outros movimentos*, de Conceição Evaristo, com o intuito de ressaltar algumas representações femininas dentro da obra mencionada e refletir sobre a sua importância na composição da nossa sociedade.

O artigo estrutura-se em três tópicos. No primeiro, cujo título é “Conceição Evaristo: vida e obra”, oferecemos um panorama com dados biográficos da escritora, a menção de seus textos mais importantes e ressaltam-se peculiaridades de sua escrita. O tópico segundo, “Memórias e poesia”, enfatiza o entrelaçamento e o resgate que Conceição Evaristo faz da memória de seus

antepassados e a temática da mulher negra que predomina em seus escritos, e que fica evidenciado pela análise dos seguintes poemas: “A empregada e o poeta”, “Eu-mulher” e “Carolina na hora da estrela”. No terceiro, “Feminismo e racismo na criação poética”, pomos em relevo questões relacionadas à figura feminina e ao negro em geral, enquanto seres humanos que não diferem de qualquer outro de seu gênero, pois sua carne sangra se os ferem, sentem prazer e dor tanto quanto qualquer outro ser humano, sejam índios, brancos, pardos, amarelos etc. Nessa parte, são analisadas duas construções poéticas: “Da conjuração dos versos” e “Inquisição”.

As análises buscam colocar em evidência a condição feminina em um contexto de desigualdade herdada do regime escravocrata e que chega até os dias atuais. Nesse sentido, procura-se compreender a imagem da mulher negra em especial e de outras que são representadas em sua obra e põem em relevo a sua atuação e a sua importância num panorama de uma sociedade na qual a figura do homem ainda exerce um papel preponderante e que, muitas vezes, acaba subalternizando e oprimindo as mulheres.

1. CONCEIÇÃO EVARISTO: VIDA E OBRA

Maria da Conceição Evaristo Brito, nasceu em Belo Horizonte, no dia 29 de novembro de 1946, mais precisamente na Avenida Afonso Pena, em uma comunidade, agora extinta, para dar lugar ao progresso. De família paupérrima, precisou conciliar os estudos com o trabalho de doméstica, assim como as mulheres de sua família, até concluir o curso normal aos 25 anos.³

Desde pequena, sentiu despertar o interesse pelas letras e a arte de escrever. Ainda criança tinha o hábito de transcrever suas próprias experiências e, a partir delas, contava suas histórias de ficção, nas quais sempre falava da esperança de um mundo melhor.

Por conta das necessidades pelas quais passava juntamente com a mãe, o padrasto e oito irmãos, aos sete anos vai viver com um casal de tios, que não tinha filhos, o que lhe proporcionou melhorias nas suas condições de vida e, conseqüentemente, mais oportunidades de acesso aos estudos. Mas nem por isso se conformou com a condição de subalternos em que vive sua família. Sua tia trabalhava em serviços gerais em uma biblioteca. Quando sua tia começou a trabalhar nesse local, Conceição Evaristo relata em entrevista (VASQUES, 2017), que ganhou uma biblioteca inteira para explorar.

Em busca de rompimento com a continuidade do trabalho doméstico, em 1973, é aprovada em um concurso para o magistério. Na companhia de amigos, começa a frequentar o bar Amarelinho, onde conhece Osvaldo Santos de Brito, com quem se casou e teve uma única filha. Continua seus estudos e se forma em Letras (Português – Literatura) pela UFRJ, em 1990 (SALES, 2009, p. 26).

Levada pela forte influência da literatura em sua vida, ingressa no Curso de Mestrado em Letras, e com a dissertação *Literatura Negra*, uma poética da

³ As informações contidas neste tópico baseiam-se em: Conceição Evaristo. Dados Biográficos. LITERAFRO. Belo Horizonte, 2009. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>> Acesso em: 30 out. 2019.

nossa brasilidade, torna-se mestre em Literatura Brasileira pela PUC/RJ (1996). Em 2011, conclui o doutorado com a tese *Poemas Malungos: cânticos irmãos*, pela Universidade Federal Fluminense.

Hoje é inegável que foi por meio de sua resistência que obteve grande êxito. Conceição Evaristo conquistou lugar de destaque consagrando-se como uma das principais vozes da literatura afro-brasileira. Segundo a própria escritora, sua estreia literária aconteceu de forma tardia, após ela conhecer o grupo Quilombhoge, que em 1990, lançou a série *Cadernos Negros*, nos quais teve seus primeiros textos publicados. E a partir de então, começa a trilhar sua ascensão, tendo seus textos publicados em várias antologias.

Forte atuante nos movimentos sociais em favor da cultura negra, combate ao racismo e a violência de gênero. Em 2003, publica *Ponciá Vicêncio*, romance no qual ela enfatiza a importância da família e explora temas como a violência de gênero e injustiças sociais.

Em seguida, publicou *Becos da Memória* (2006), sua primeira produção ficcional, também um romance, que ficou engavetada por muitos anos, até ser publicado no ano mencionada. Nessa obra, a autora produz relatos dos lugares onde viveu até os sete anos de idade, expressa por meio do lirismo de suas palavras e o descontentamento com a extinção da comunidade de sua infância para dar lugar ao progresso.

Em 2008, vem a público *Poemas da Recordação e outros movimentos*, uma coletânea de poemas com diversos temas, porém sempre enfatizando a figura do feminino no contexto de escravidão e na contemporaneidade.

No livro de contos *Histórias de leves enganos e parecenças* (Editora Malê, 2016), ocorre o uso do realismo mágico ou animista, o qual, de acordo com a autora, deveu-se à contaminação das histórias com elementos mágicos que ouviu durante toda a sua vida.

Patrícia Ribeiro (2010, p. 13) propõe que o livro *Poemas da recordação e outros movimentos* seja visto como um possível arquivo da escravidão. Por sua vez, Emilene Correa Souza (2014) afirma que com essa obra, Conceição Evaristo se tornou a segunda mulher afro-brasileira a publicar no exterior depois de Carolina Maria de Jesus, com seu diário intitulado *Quarto do Desejo*.

O reconhecimento de sua importância para a literatura afro-brasileira rendeu-lhe premiações dentro do universo literário. Em 2015, recebeu o prêmio Jabuti, na categoria Contos e Crônicas pela obra *Olhos d'água* (2014). Em 2017, foi artista homenageada do programa Ocupação Itaú Cultural de São Paulo. Ganhou o prêmio Faz a Diferença e ainda o Prêmio Cláudia, categoria cultura, ambos em 2017. Em 2018, candidatou-se à Academia Brasileira de Letras, mas não foi eleita. Nesse mesmo ano, recebeu o Prêmio Bravo! e o Prêmio Governo de Minas Gerais. Foi homenageada, em 2019, na Bienal do Livro em Contagem-MG.

Forte atuante nos movimentos de valorização da cultura negra, tem como principal companheira de luta a escrita, pois, para Conceição Evaristo, escrever é um ato de insubordinação. Além das premiações, outra forma de reconhecimento é o fato recorrente de suas obras serem objetos de estudos universitários, nas conclusões de graduação, mestrados e até doutorados.

Segundo Leonardo Cazes (2016), é como mulher, negra, de origem pobre, que Conceição Evaristo escreveu e escreve seus livros. Em todos os seus trabalhos estão presentes a crítica social e a religiosidade, que ela prefere chamar de ancestralidade.

Com suas próprias palavras, ela declara: “– Eu sempre tenho dito que a minha condição de mulher negra marca a minha escrita, de forma consciente inclusive. Faço opção por esses temas, por escrever dessa forma” (CAZES, 2016). Assim, negritude e escrita imbricam-se num todo indissolúvel para tratar do universo feminino negro, conforme se poderá constatar na parte analítica desse artigo.

2. MEMÓRIAS E POESIA

A história de um povo constitui-se de sua memória, dessa forma o conceito de literatura adotado aqui vem de acordo com Todorov (2012)⁴, de modo que Conceição Evaristo, escritora negra, resgata por meio de sua poética a memória identitária da cultura Afro-brasileira, com ênfase no feminino no contexto da escravidão no Brasil:

A gente reconhece a fortaleza que nós criamos na resiliência, que nos agrega, que nos salva, sem essa fortaleza, sem a criação de táticas de sobrevivência, a nossa ancestralidade morreria nos porões dos navios negreiros. (CARNEIRO, 2018)

Com essa fortaleza agregada ao seu sangue, Conceição Evaristo dissemina em seus poemas as raízes da mulher negra, traz à sociedade brasileira, ainda com preconceitos enraizados, a memória de sua luta e o empoderamento feminino. A poética de Conceição Evaristo denuncia a condição de ser mulher durante e pós o regime escravocrata, dando voz às mulheres.

A estudiosa Patrícia Ribeiro (2010) considera a escrita de Conceição Evaristo como memória de arquivo do sistema escravocrata. Segundo suas ponderações, a obra *Poemas da Recordação e outros Movimentos* pode ser lida como uma afronta ao esquecimento da escravidão. Seus poemas falam de maternidade, diáspora negra, ancestralidade e resistência. Em “Vozes-mulheres”, lê-se o seguinte:

[...]
 A voz de minha mãe
 ecoou baixinho revolta
 no fundo das cozinhas alheias
 debaixo das trouxas
 roupagens sujas dos brancos
 pelo caminho empoeirado

⁴ De acordo com autor: “A literatura não nasce do vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos compartilhado com eles numerosas características.” (2012, pág. 22).

rumo à favela.
[...] (EVARISTO, 2017, p. 24)

No poema, o eu-lírico relata a revolta silenciada pelo contexto da escravidão, em lugar excludente da história. No fundo das cozinhas, escondida por roupas sujas dos brancos, a mãe se revolta de forma tácita. É possível identificar também, nesse pequeno trecho do poema, a crítica à libertação dos escravos, sem rumo, sem casa e sem emprego, os quais migraram para as ruas, para a favela.

Patrícia Ribeiro (2010) assinala que a escrita de Conceição Evaristo gira em torno da insubordinação, tendo em vista que a mulher negra cativa usava a realidade de suas vivências para contar histórias de adormecer aos meninos brancos da casa grande. Hoje a mulher negra escreve para os despertar sobre as injustiças sofridas. Como um ato de resistência, Evaristo acredita que para a mulher negra escrever e publicar é um ato duplamente político. Com grande atuação nos movimentos de valorização da cultura negra no país, a autora tem a escrita como principal aliado na luta e resistência sobre o silêncio histórico imposto à população negra.

A poética de Evaristo busca também o rompimento com o estereótipo da mulher negra institucionalizado no imaginário da sociedade. De acordo com Anselmo Peres Alós (2011), no artigo “O lirismo dissonante de uma afro-brasileira”, no exercício de expressão da escritora mineira, o lirismo dos poemas trabalha diretamente no sentido de instaurar uma retórica da resistência dando especial atenção ao desmantelamento dos estereótipos em torno do negro e da mulher, mais especificamente da mulher negra no imaginário brasileiro.

O poema “Vozes-mulheres” apresenta uma proposta que se pode analisar do ponto de vista da ancestralidade. Nesse poema, há descrições das mulheres de sua família, desde a bisavó, trazida da África em um movimento diaspórico dentro dos porões dos navios, até a presente geração, pois há uma voz que perpassa pelas vozes de seus ancestrais trazendo a esperança de uma vida melhor.

Na sequência desse estudo, procede-se à análise de alguns poemas selecionados da obra que constitui o *corpus* dessa pesquisa, ressaltando aspectos relacionados à representação da mulher negra.

2.1 AS FIGURAS FEMININAS NA OBRA *POEMAS DA RECORDAÇÃO E OUTROS MOVIMENTOS*

Conceição Evaristo cresceu cercada pela figura feminina, mãe, tias e primas. Até certa altura de sua vida acadêmica, Conceição Evaristo não tinha consciência de que sua escrita estava tão atrelada à essa vivência, que representa a figura feminina, quando então, uma professora lhe fez um questionamento: “Por que essa escrita tão feminina? ”, a partir desse momento Conceição, propositalmente, passa a dar um maior destaque à mulher negra em sua escrita (LIMA, 2017).

Embora, sempre presente na literatura brasileira, tradicionalmente a mulher negra nunca ocupou lugar de destaque, sua imagem, na verdade, foi

estereotipada de forma vulgar ao longo da história. Ao ocupar o papel de objeto de grande apelo sexual, à mulher negra e também brasileira é sempre agregada a conotação que se direciona para a trajetória de objetivação sexual.

Uma metáfora amplamente conhecida e divulgada em nosso país – “a cor do pecado” – para se referir à mulher negra, apresenta um significado que tem muito a ver com o discurso que determina que a cor negra é tentadora ou até mesmo provocativa, algo que tende a legitimar discursos de assédio e também abusos.

Os poemas contidos na obra *Poemas da Recordação e outros movimentos* empenham-se em destacar a necessidade de uma revisão histórica, já que os escritores (romancistas e poetas) retrataram, frequentemente, a mulher negra como fértil, seja pela imagem de mulher sexualizada, ou pela figura da mãe preta, aquela que é destituída do convívio com seu filho biológico para cuidar dos filhos da casa grande.

Nas construções poéticas do referido livro, nota-se a outra face dessa mulher, a mãe, a esposa e, ao fazer intertexto entre Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus, por exemplo, representa a mulher negra também como alguém capaz de dominar a escrita, publicar livros, enfim, penetrar no estreito círculo dominado pelos homens e problematizar questões do feminino, do passado e do presente, num moto perpétuo.

A título de ilustração, observe-se o poema que segue:

Carolina na hora da estrela

No meio da noite
 Carolina corta a hora da estrela.
 Nos laços de sua família um nó
 – a fome.
 José Carlos masca chicletes.
 No aniversário, Vera Eunice desiste
 do par de sapatos,
 quer um par de óculos escuros.
 João José na via-crucis do corpo.
 um sopro de vida no instante quase
 a extinguir seus jovens dias.
 E lá se vai Carolina
 com os olhos fundos,
 macabeando todas as dores do mundo...
 Na hora da estrela, Clarice nem sabe
 que uma mulher cata letras e escreve:
 “De dia tenho sono e de noite poesia”
 (EVARISTO, 2017, p. 93)

Estruturado em uma única estrofe de onze versos, em “Carolina na hora da estrela”, o eu lírico unifica duas escritoras – Clarice Lispector (1920-1977) e Carolina Maria de Jesus (1914-1977) – uma branca e outra negra.

Personagens do livro *Quarto de despejo* (1960), de Carolina de Jesus, José Carlos, Vera Eunice, João José, juntam-se à Macabéa, protagonista de *A hora da estrela* de Lispector.

O poema é construído por meio da metalinguagem que entretece títulos de livros da autora ucraniana brasileira tais como *Laços de família* (1960), *A hora da estrela* (1977), *A via crucis do corpo* (1974), *Um sopro de vida* (1978 – póstumo), com elementos de *Quarto de despejo*, de Carolina de Jesus.

O eu lírico enfatiza a pobreza, a dor, a fome, que compõem o universo da escritora negra, mas tudo isso ameniza-se no fim do poema, quando a noite vem preencher esse universo desolador com poesia.

Por meio do neologismo “macabeando”, as histórias de duas grandes personagens entrecruzam-se – a própria Carolina, que narra seus dramas em um diário e a nordestina Macabéa, que vem para a cidade grande e se depara com a solidão, o abandono e a morte.

Vale destacar que Evaristo coloca a escritora negra em pé de igualdade com a autora branca, ao deixar patente que ambas tratavam do sofrimento feminino, da sua autoafirmação no mundo e da sua capacidade de suportar a dor, a falta de solidariedade, a incomunicabilidade entre os seres humanos, e dessa forma, a poesia pode suavizar e envolver a realidade de modo a acenar com possibilidades de transformação e de esperança de dias melhores.

Na poética de Evaristo, há o desejo de construir a personagem negra de uma outra forma, colocá-la como protagonista de sua história, como um ser passível de sentimentos, de história, de cultura, desconstruir a sensualidades como principal característica.

O preconceito institucionalizado não permite que a mulher negra seja vista de outra forma, apenas o que a história mostra. Atrás das paredes, abaixo de roupas sujas, com vassouras e esfregões nas mãos. O eu lírico, nos poemas de Evaristo, vive na segregação, porém, tem voz e desejos, conforme se pode ver no poema transcrito abaixo:

A empregada e o poeta

Na suspeição de que a empregada envenenaria o poeta
 anteciparam as dores dos livros.
 Folhas mortas despencariam dos troncos,
 lombadas folheadas em ouro,
 tesouro do poeta,
 que a mesma serviçal
 eficiente e justa cuidava em sua obra.

A empregada envenenaria o poeta,
 um mofo podre avolumaria
 De cada letra morta.
 E a biblioteca manuseada
 pela mente assassina
 esperaria uma nova edição
 de um debochado cordel,
 que cantaria a história do poeta
 e do bife envenenado,
 trazendo o verso final:

“o peixe morre é pela boca.”

Todos suspeitariam,
condolências antecipadas
surgiriam em prosa e verso.
Entretanto suspeição alguma
ouviu e leu a história da empregada.
Ela jamais assassinaria o poeta.

Quando o bife passou
quase amargo e cru,
foi porque o tempo logrou
as tarefas de Raimunda.
O não e o mal feito da empregada
eram gastos às escondidas em leituras
do tesouro que não lhe pertencia.
No entanto ela sabia, mesmo antes do poeta,
que rima era só rima.
E em meio às lacrimejantes cebolas
misturadas às dores apimentadas
nos olhos do mundo,
Raimunda entre vassouras, rodos,
panelas e pó desinventava de si
as dores inventadas pelo poeta.
(EVARISTO, 2017, p. 103-104)

O eu lírico destaca o papel da empregada como expectadora do poeta e de suas suspeições, bem como a admiração pelos livros que ela limpa e cuida. Raimunda, a empregada, gastava o tempo com a leitura escondida, do tesouro que não era seu, os livros. Entre as vassouras e rodos, Raimunda desinventava as dores que o poeta lhe causava.

Um outro viés pode ser percebido, o da mulher que gosta de ler e as dificuldades para a mulher negra tornar-se escritora, como bem salienta a própria Conceição Evaristo:

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever é ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite. (EVARISTO, 2010)

Evaristo, com esse contundente depoimento, destaca a importância de que as mulheres sejam “mente” e não só o “corpo”. A representatividade da mulher negra ultrapassa os limites das páginas de seus poemas, fazendo de sua escrita, um templo reflexivo a respeito de condutas carregadas de preconceitos e injustiças.

É importante destacar que a segregação da mulher negra ainda é persistente e é herdada por gerações. Tal afirmação é evidenciada por experiências pessoais. Em 2019, as dificuldades enfrentadas pela mulher negra

são outras, mas os reflexos de uma sociedade patriarcal e racista podem ser equiparados aos do regime escravocrata. Isso encontra-se destacado em outro poema de Evaristo:

Eu-mulher

Uma gota de leite
 me escorre entre os seios
 Uma mancha de sangue
 me enfeita entre as pernas.
 Meia palavra mordida
 me foge da boca.

Vagos desejo insinuam esperanças
 Eu-mulher em rios vermelhos
 inauguro a vida
 Em baixa voz
 violento os típanos do mundo
 Antevejo.
 Antecipo.
 Antes-vivo

Antes – agora - o que há de vir.
 Eu fêmea-matriz.
 Eu força-motriz.
 Eu-mulher
 abrigo da semente
 moto-contínuo
 do mundo.
 (EVARISTO 2017, p.23)

Ser mulher e negra são fatores singulares que fazem com que essa mulher tenha que gerenciar a sua feminilidade e a sua força para enfrentar as agruras cotidianas. Evaristo com esse poema, renova a literatura brasileira, traz a mulher em sua totalidade, retratando o passado silenciado, com a voz da poesia. A força que move o mundo e gera a vida ainda inaugura a vida de voz baixa, não há voz para a mulher, o mundo ainda é masculino.

Contudo, mesmo diante desse sistema patriarcal, Evaristo promove, por meio do discurso poético, um meio para que a voz da mulher negra se faça ser ouvida, diante dos estereótipos que envolvem toda a gama de discursos e também do aparato histórico que rege as perspectivas do que viria a ser a mulher negra na sociedade.

3. FEMINISMO E RACISMO NA CRIAÇÃO POÉTICA

Ambas as questões são temas que conotam a obra de Evaristo, pois a mesma identifica-se com as duas opressões - de ser mulher numa sociedade machista e ser negra numa sociedade ainda racista: o feminismo não é racismo, assim como o racismo não é o mesmo que feminismo, contudo ambos envolvem o mesmo movimento de não identificar o outro como um semelhante, por causa de sua raça ou seu gênero.

O racismo comporta as seguintes acepções, segundo Campos (2017, p.

1):

[...] a literatura especializada permanece buscando uma definição de racismo capaz de transformar os significados toscamente articulados no senso comum em uma categoria analítica que permita investigá-lo empiricamente. Quando analisamos as teorias sociológicas dedicadas a explicar como ele opera, três abordagens se destacam. A primeira delas entende o racismo como um fenômeno enraizado em ideologias, doutrinas ou conjuntos de ideias que atribuem uma inferioridade natural a determinados grupos com origens ou marcas adstritas específicas. Por essa perspectiva, o adjetivo “racista” só pode ser atrelado a práticas que decorrem de concepções ideológicas do que é raça. A segunda abordagem, por seu turno, concede uma precedência causal e semântica às ações, atitudes, práticas ou comportamentos preconceituosos e/ou discriminatórios na reprodução do racismo. Para essa postura analítica, as práticas racistas prescindem de ideologias articuladas e, portanto, as ideias deixam de ser o elemento definidor do racismo. Por fim, a terceira abordagem crê que o racismo teria assumido características mais sistêmicas, institucionais ou estruturais nos dias atuais. Embora práticas e ideologias sejam dimensões importantes do fenômeno, são as estruturas racistas os princípios causais fundamentais que devem ser investigados.

O fenômeno do racismo é bastante comum e geralmente direcionado ao povo de cor que, historicamente, luta pela igualdade racial e, assim como também o feminismo, que luta pela igualdade de gênero, os dois movimentos vêm de uma comum ação de destruição de um outro, para se autoafirmar. Em consonância com o pensamento de Hegel (1992, p. 130), “a consciência independente para a qual o ser-para-si é a essência; outra consciência depende para qual essência é a vida, ou ser para o outro. Uma é o senhor, outra é o escravo”. Isso significa que o racismo acaba por salientar o embate entre opressor e oprimido, uma vez que este sofre as consequências perpetradas por aquele, numa atitude que visa destruir, diminuir, minimizar o elemento negro.

Essa essência rege as relações sociais mediante a importância e a forma que o outro será relevante para a construção de nós mesmos. O outro rege a nossa forma de viver o mundo e segundo Salih (2013, p. 43), essa relação tem situações peculiares, que ela denomina como “Outridade”:

A Outridade que a autoconsciência busca superar é efetivamente a sua própria Outridade que ela confronta no escravo, de modo que a autoconsciência precisa repetidamente se destruir para se conhecer. O eu e o Outro não estão apenas intimamente ligados entre si: na verdade, cada um é o outro, e é através do seu mútuo reconhecimento é que eles trazem à existência um do outro.

A falta de Outridade acaba por ser o grande problema nas relações sociais, no entanto, Evaristo ultrapassa essa carência e se reconhece, sem precisar destruir ninguém, sua obra apenas reproduz a voz para aquelas que ainda, mesmo nos dias atuais, são “escravas” em meio aos prédios da classe média alta.

O incômodo que gera a voz de um indivíduo, que além de mulher, é negra, parece ser mais evidente à medida que sua obra vai alcançando mais e mais reconhecimento, em meio ao público negro feminista. Por apontar as duras atitudes de pessoas que deveriam ser “gratas” em meio a tanta violência e falta de oportunidades, mas que muitas vezes a gratidão acaba por se mostrar muito mais dolorosa do que a dor da fome.

O curioso é ver retratado de modo tão empoderado a figura de uma mulher negra e pobre, o que gera estranhamento em meio ao público que não admite que “a clareza ou branquidão da pele [...], persiste como marca simbólica de uma superioridade imaginária atuante em estratégias de distinção social” (SODRÉ, 2015, p. 26). Essa falta de clareza da pele na obra de Evaristo, acaba por ser discretamente marginalizada, já que que a poetisa não é branca.

E esse incômodo é necessário, porque ataques acabam por sempre acompanhar a mulher negra em sua trajetória de vida, graças às representações que a reproduzem em condições subalternas e que estereotipam seu gênero e cor. São mulheres pobres, com trabalhos humildes, sem perspectiva além de um descanso das durezas de um dia longo e humilhante de trabalho na casa grande.

Essa é a imagem da mulher negra no Brasil, mas diferente dessa imagem, Evaristo desenha uma mulher que sonha, que sorri, que se reconhece como parte importante de algo maior, que denuncia suas dores em forma de poesia, que mesmo tendo consciência de sua condição, é humana e não deseja o mesmo fim a suas semelhantes.

Sobre ser mulher, Butler (2015, p. 33) comenta que:

Se o argumento de Beauvoir, de que não nascemos, mas nos tornamos mulher, está correto, segue-se que a mulher em si é um termo em processo, um devir, um construir do qual não se pode dizer que tenha origem ou fim. Como uma prática discursiva contínua, ela está aberta à invenção e resignificação.

É nessa resignificação que Evaristo produz a imagem da mulher negra em sua obra, uma mulher que pode denunciar suas dores e desafios, que não precisa se calar em meio às definições e delimitações que a sociedade estabeleceu para sua vivência, que mesmo em um processo de construção, ela mesmo pode construir a sua imagem positivamente.

3.1 VOZES DE MULHERES NEGRAS QUE SE ELEVAM

Os padecimentos, dores e o menosprezo da sociedade por aqueles das etnias negras encontram-se expressos de modo claro e contundente na seguinte criação poética de Conceição Evaristo:

Da conjuração dos versos

- nossos poemas conjuram e gritam –

O silêncio mordido
 rebelde e revela
 nossos ais

e são tantos os gritos
que a alva cidade,
de seu imerecido sono,
desperta em pesadelos.

E pedimos
que as balas perdidas
percam o nosso rumo
e não façam do corpo nosso,
os nossos filhos, o alvo.

O silêncio mordido,
Antes o pão triturado
de nossos desejos,
avoluma, avoluma
e a massa ganha por inteiro
o espaço antes comedido
pela ordem.

E não há mais
quem morda a nossa língua
o nosso verbo solto
conjugou antes
o tempo de todas as dores.

E o silêncio escapou
ferindo a ordenança
e hoje o anverso
da mudez é a nudez
do nosso gritante verso
que se quer livre.
(EVARISTO, 2017, p. 84-85)

Nesse poema, a realidade do povo negro estigmatizado e oprimido vem ressaltada pela antítese – silêncio x gritos – que se localiza na sua primeira estrofe:

O silêncio mordido
rebela e revela
nossos ais
e são tantos os gritos
que a alva cidade,
de seu imerecido sono,
desperta em pesadelos.
(EVARISTO, 2017, p. 84)

Desse modo, numa atitude de rebeldia, a voz negra quebra o silêncio que lhe é imposto. O adjetivo “alva”, do sintagma “alva cidade” contrasta com o grito dos negros, que quer “revelar” os seus sofrimentos, temores e terrores para a sociedade branca e surda, que continua a ignorar e perpetuar práticas de dominação, que continuam vigentes no mundo contemporâneo.

O preconceito, o racismo, o menosprezo ganham relevo na segunda estrofe:

E pedimos
 que as balas perdidas
 percam o nosso rumo
 e não façam do corpo nosso,
 os nossos filhos, o alvo.
 (EVARISTO, 2017, p. 84)

59

Segundo as informações veiculadas pelos produtos midiáticos nacionais como, negro é o alvo mais frequente das balas perdidas, das ações policiais, da covardia e desprezo daqueles que se julgam superiores e a mãe negra é aquela que mais sofre, quando seus filhos são alvejados, humilhados e agredidos nesse eterno descompasso que marca as relações entre pessoas brancas e negras em qualquer parte do mundo.

A “ordem”, a lei, que aparece na terceira estrofe, pesa mais sobre a pele negra, vítima sempre de crenças arraigadas e de valores que a enxergam como elemento de menos valia, sem importância, que a sociedade branca usa, explora e tritura por meio de relações desiguais e nas quais o branco opressor tenta destruir o oprimido – negros e negras – que deveriam ter os mesmos direitos e prerrogativas que aqueles.

O vocábulo “conjuração” que aparece no título do poema converte-se num convite para que a comunidade negra se alie, lute para que seu direito de expressão nunca seja silenciado, censurado. Dessa forma, “conjurar” é invocar, chamar atenção para que as vozes negras se unifiquem e que sua poesia ultrapasse todos os obstáculos e resistências impostas por aqueles que se julgam superiores e melhores por conta da cor da sua pele e se espalhem por toda parte, em ampla e irrestrita liberdade, pois o “gritante verso” quer e merece ser “livre”.

Nos versos finais, a voz silenciada eleva-se, por meio da poesia, e grita pela liberdade, pelo direito de se expressar, já que “nosso gritante verso / que se quer livre” denuncia a desigualdade e espera por uma equiparação e uma posição dentro da sociedade, que não seja superior, mas também nunca inferior a nada e nem a ninguém.

Talvez, de todo o livro *Poemas da recordação e outros movimentos*, o poema que mais evidencie a questão do racismo e da subalternidade da pessoa negra seja esse que transcrevemos abaixo:

Inquisição
Ao poeta que nos nega

Enquanto a inquisição
 interroga
 a minha existência,
 e nega o negrume
 do meu corpo-letra,
 na semântica
 da minha escrita,

prossigo.

Assunto não mais
o assunto
dessas vagas e dissentidas
falas.

Prossigo e persigo
outras falas,
aquelas ainda úmidas,
vozes afogadas
da viagem negreira

E, apesar
de minha fala hoje
desnudar-se no cálido
e esperançoso sol
de terras brasis, onde nasci,
o gesto de meu corpo-escrita
levanta em suas lembranças
esmaecidas imagens
de um útero primeiro.

Por isso prossigo.
persigo acalentando
nessa escrevivência
não a efígie de brancos brasões,
sim o secular senso de invisíveis
e negros queloides, selo originário,
de um perdido
e sempre reinventado clã.
(EVARISTO, 2017, p. 105-106)

A voz do eu-lírico, que podemos associar a uma figura feminina, que se materializa por meio de sintagmas como “falas”, “vozes afogadas”, “esmaecidas imagens / de um útero primeiro”. Esse feminino perpassa toda a produção escrita de Evaristo, seja no campo da prosa, seja no território da poesia, desvelando a sua temática predominante, que é a mulher negra e seus dilemas, sempre frequentes no seu trajeto, desde o passado escravagista até o presente, ainda marcado por sectarismos, separações, divisões entre uma elite branca e privilegiada e uma etnia negra marginalizada, inferiorizada, sendo considerada como cidadãos “de segunda classe”.

O título do poema é sintomático dessa situação apontada e estratificada nas sociedades patriarcais que ainda imperam na atualidade. A inquisição, criada pela igreja católica para punir os hereges e os que praticam outras religiões, é o símbolo maior da opressão que um grupo pode exercer sobre outro e das injustiças que foram cometidas em nome de uma pretensa evangelização, por trás da qual se ocultava o desejo de seres humanos, brancos, de apossar-se de riquezas e territórios povoados por indígenas.

A inquisição notabilizou-se por calar as vozes discordantes e, no poema, fica claro que essa organização medieval conota a perseguição continuada às mulheres e aos homens negros, às suas crenças e aos seus costumes.

Na terceira estrofe, nota-se o silenciamento que vitimiza a comunidade negra através da metonímia (a parte pelo todo) encetada por “vozes afogadas”, já que os indivíduos da raça negra (homens, mulheres, crianças) têm as suas vozes constantemente caladas, usurpadas, deturpadas e as quais o preconceito e o racismo empenham-se em dizimar, aniquilar, calar eternamente.

Nos dias de hoje, o eu lírico empenha-se em elevar a sua voz e se fazer ouvido, por meio de uma fala que pode “desnudar-se no cálido / e esperançoso sol”, que honrará seus antepassados e perpetuará suas memórias das dores e sofrimentos passados infligidos pela nação branca, repressora e violenta.

O eu lírico enfatiza, na última estrofe, a união e a publicização dessas memórias através da “escrevivência”, ou seja, por intermédio da escrita das vivências e experiências da figura negra será possível almejar mudanças e uma situação de equilíbrio, na qual o convívio pacífico de raças diferenciadas seja uma realidade, sem que uma tenha que se sobrepor à outra, sem que uma tenha que assumir o papel de oprimido e a outra, de opressor, como ainda acontece no mundo todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A figura feminina e, sobretudo, a negra, quando é alçada à posição de protagonista, ainda é marcada por estereótipos, por imagens desabonadoras ou que a ligam ao sensual e ao erótico. Dessa forma, é importante destacar, conforme Nazareth S. Fonseca (apud SALES, 2009, p. 19),

a relevância histórica de romper o silêncio das vozes marginalizadas que ao serem reproduzidas pelo traço da escrita, provocam ruídos na transmissão oficial dos acontecimentos ou na forma como o social é construído. No caso específico do silêncio imposto às mulheres negras, podemos constatar como são esquecidas em lugares de pouca visibilidade [...].

Indo a contrapelo dessa orientação, Conceição Evaristo, em seus textos, busca destacar o papel da mulher negra, a qual, apesar do racismo, do menosprezo e das tentativas de silenciamento de sua voz, eleva-se, avulta e traz consigo a memória da escravidão e dos sofrimentos passados, num claro esforço de demarcar novos horizontes para uma figura que preserva as tradições e se insere num universo preñado de dificuldades e preconceitos, mas que seguramente pode vencê-los e assegurar uma condição mais justa e digna para si e para as gerações futuras.

Nos poemas analisados, deparamo-nos com várias representações do feminino: a avó, a filha, a neta, a moça, a jovem, a velha, a escritora, a empregada doméstica e a todas elas, o eu-lírico garante o direito de se expressar, de se manifestar e de não se deixar calar em nenhuma circunstância.

Por fim, consideramos a poética de Conceição Evaristo como um espaço privilegiado para o exercício da cidadania,

funcionando como um tear humanizador da sociedade, tecendo fios de liberdade que possam gerar no tecido social gestos de cuidado com os que sofrem, um convite à vida e à mudança na relação da mulher negra como sujeito histórico com o mundo [...]. (SALES, 2009, p. 28)

Assim, a galeria de mulheres que surge nos poemas da escritora mineira corrobora a necessidade de valorização da mulher negra e do seu papel numa sociedade que ainda carrega resquícios de senhores de engenho, de sinhazinhas da casa grande. O texto poético de Evaristo é um desafio para se revisar e revirar pelo avesso os preconceitos, as ideias retrógradas em prol de um sociedade na qual os indivíduos partilhem e tenham um tratamento igualitário e que não desmereça nenhuma etnia e nem se paute por relações de poder entre fracos x fortes, oprimidos x opressores, com privilégios garantidos somente para aqueles que fazem parte do segundo grupo.

REFERÊNCIAS

ALÓS, Anselmo Peres. O lirismo dissonante de uma afro-brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, jan-abr. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000100020/18410>. Acesso em: 20 out. 2019.

BUTLER, Judith. **Problema de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CAMPOS, Luiz Augusto. Racismo em três dimensões: uma abordagem realista-crítica. **Revista Brasileira de Sociologia**, [S. l.] v. 32, n. 95, p. 1-19, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n95/0102-6909-rbcsoc-3295072017.pdf>. Acesso em: 30 out. 2019.

CARNEIRO, Júlia Dias. É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos, diz escritora. **BBC NEWS Brasil**, Rio de Janeiro, 9 março de 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>. Acesso em: 30 set. 2019.

CAZES, Leonardo. Conceição Evaristo: a literatura como arte da “escrivência”. **O Globo**, 2016. Disponível em: <https://jornalqgn.com.br/literatura/a-vida-e-a-obra-de-conceicao-evaristo/>. Acesso em: 06 nov. 2019.

CONCEIÇÃO Evaristo. Dados Biográficos. **LITERAFRO**. Belo Horizonte, 2009. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>> Acesso em: 30 out. 2019.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

HEGEL, George W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Trad. de Paulo Meneses. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992, 2 vols.

LIMA, Juliana Domingos de. Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’. **Nexo**, 26 mai. 2017. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso em: 06 nov. 2019.

RIBEIRO, Patrícia. A poética de Conceição Evaristo como uma incursão pelos caminhos da história. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/A-po%C3%A9tica-de-Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-como-uma-incurs%C3%A3o-pelos-caminhos-da-hist%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2019.

SALES, Ana Maria Coutinho. Ontem e hoje: mulheres no combate ao racismo. In: LIMA, Tânia; NASCIMENTO, Izabel; OLIVEIRA, Andrey (Orgs.). **Griots – culturas africanas: linguagem, memória, imaginário**. 1. ed. Natal: Lucgraf, 2009, p. 19-29.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução e notas Guacira Lopes Louro. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: Identidade, Povo e Mídia e cotas no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2015.

SOUZA, Emilene Corrêa. **A questão da memória identitária afro-brasileira na poesia de Ana Cruz e Conceição Evaristo**. Dissertação (Mestrado em Literaturas portuguesa e luso africana), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre, 2014.

TODOROV, Tzvetan. . *A literatura em perigo*. 4. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

VASQUES, Lucas. Conceição Evaristo: “Tudo que escrevo é profundamente marcado pela condição de ser mulher negra”. **Fórum**, 30 de setembro de 2017. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/cultura/conceicao-evaristo-tudo-que-eu-escrevo-e-profundamente-marcado-pela-condicao-de-mulher-negra/>. Acesso em: 06 nov. 2019.